



ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2022



ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0117-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.179222704>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Há uma concordância fundamental entre arquitetos e urbanistas: não há, em qualquer exercício de síntese - de projeto ou planejamento -, a anistia da dúvida, da incerteza, da divergência, do conflito ou mesmo de antagonismos. Isso porque a arquitetura e o urbanismo - embora gozem de boa parte de suas constituições das ciências exatas - possuem componentes materiais, econômicos, sociais, estéticos, filosóficos e psicológicos difíceis de serem conciliados ou que encontremos para eles uma convergência unânime. A síntese, a sina do exercício de projeto e planejamento, tende a encobrir ou ao menos momentaneamente ofuscar as divergências. Tende, pois tais divergências permanecerão, mais evidentes, latentes ou como estão, até que sejam revisitadas e trazidas à tona.

Qualquer solução arquitetônica ou urbanística apresentada a um problema de projeto será apenas uma dentre diversas soluções possíveis. Mesmo que as variáveis projetuais trazidas por dados objetivos e instrumentos de alta precisão nos indiquem um caminho a ser seguido, seu curso passará sempre pela interpretação do problema anunciado. Ou seja, tudo que vemos pelas janelas dos apartamentos ou caminhando pelas ruas das cidades poderia ser diferente, de outro modo. Há, na ótica da criatividade humana centrada no exercício do projeto e do planejamento, outras infundáveis realidades possíveis.

A crítica, elemento fundamental e imprescindível do fazer arquitetônico e urbanístico, é o recurso que temos para medir o real pelo ideal. A crítica estabelece as regras do jogo a ser jogado e nos dá os parâmetros concretos e imaginados. Ela leva luz às divergências outrora encobertas. Ela revela o que foi por ora deixado de lado. Ela produz uma dialética que nos permite reconhecer as divergências do nosso campo e conceber, ainda que circunstancialmente ou diante de temas sensíveis e ilustrados, como a dignidade humana e o respeito ao meio ambiente, convergências de perspectivas. A crítica nos coloca como responsáveis pela história até então produzida e nos dá a autoria do porvir.

Arquitetura e urbanismo: Divergências e convergências de perspectivas, produzido pela Atena Editora, traz estes temas para o debate em 18 capítulos. Este volume constitui, assim, uma contribuição importante para o reconhecimento de que nosso campo é múltiplo, diverso e que não há unanimidades. É um campo, assim como qualquer campo profissional e coletivo, em plena disputa.

Mas, por outro lado, institui ou indica certas convergências: a necessidade de salvaguardar nosso Patrimônio Cultural; a introdução acelerada de instrumentos e técnicas digitais ao processo de projeto; a cidade e o território como fenômenos culturais e coletivos; o imperativo da conciliação entre ambiente construído e ambiente natural; e, por fim, que a arte, em sua multiplicidade de manifestações, seja pública e aberta. Além do

reconhecimento destas convergências, este livro problematiza o porquê de tais fenômenos e as possibilidades de com eles lidar.

Estimo, assim, excelente leitura a todas e todos!

Pedro Henrique Máximo Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LA FORMA DE LA CIUDAD ES SIEMPRE LA FORMA DE UN TIEMPO DE LA CIUDAD

Lúisa Valente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227041>

CAPÍTULO 2..... 18

DESDE LA REDISTRIBUCIÓN DE LOS CUIDADOS HACIA LA DESMILITARIZACIÓN URBANA EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Patricia Costa Pellizzaro

Neridiane Garcia da Silva


Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227042>

CAPÍTULO 3..... 41

DIREITO À CIDADE POR MEIO DA ARTE: OBSERVAÇÃO E PERSPECTIVAS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA ARQUITETURA DE SALVADOR

Alyne Cosenza Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227043>

CAPÍTULO 4..... 51

APROPRIAÇÃO DE PARQUES URBANOS: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO E GESTÃO

Neridiane Garcia da Silva

Patricia Costa Pellizzaro

Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227044>


CAPÍTULO 5..... 67

CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA COMO INSTRUMENTOS DIACRÓNICOS DE ANÁLISE DO TECIDO URBANO — ÉVORA E SETÚBAL, PORTUGAL

Maria do Céu Simões Tereno

Manuela Maria Justino Tomé


Maria Filomena Mourato Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227045>

CAPÍTULO 6..... 79

DESIGN E CENÁRIOS PROSPECTIVOS APLICADOS AO URBANISMO TÁTICO: O FUTURO DA PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS

Lorena Gomes Torres de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227046>

CAPÍTULO 7..... 95

INVENTÁRIO BOTÂNICO-PAISAGÍSTICO DO SÍTIO ROBERTO BURLE MARX: O

ESTADO ATUAL

Diego Rodriguez Crescencio

Marlon da Costa Souza

Leticia Dias Lavor

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227047>

CAPÍTULO 8..... 108

ARQUITETURA ESCOLAR E BIOCLIMATOLOGIA: OS IMPACTOS DA PADRONIZAÇÃO NO CONFORTO TÉRMICO DE ESCOLAS BRASILEIRAS

Paula Scherer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227048>


CAPÍTULO 9..... 120

ASPETOS BIOCLIMÁTICOS DA ARQUITETURA DA POPULAR PORTUGUESA

Jorge M. dos Remédios Dias Mascarenhas

Maria de Lurdes Belgas da Costa Reis

Fernando G. Branco


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227049>

CAPÍTULO 10..... 134

INFLUÊNCIA DA ILUMINAÇÃO NATURAL NO AMBIENTE ESCOLAR NO RITMO CIRCADIANO DOS ALUNOS

Ana Luiza de Mello Ward

Erika Ciconelli de Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270410>

CAPÍTULO 11..... 151

ANÁLISE DE DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE POROSIDADE EM CFD

Isabela Tibúrcio

Melyna Nascimento


Leonardo Bittencourt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270411>

CAPÍTULO 12..... 166

A CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO POR PROFISSIONAIS E AS TECNOLOGIAS EMERGENTES

Hana de Albuquerque Gouveia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270412>



CAPÍTULO 13..... 179

CONTRIBUIÇÃO À INSPEÇÃO ESPECIALIZADA APLICADA AOS HELIPONTOS ELEVADOS DO TIPO PLATAFORMA DE DISTRIBUIÇÃO DE CARGA EM ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO: ESTUDO DE CASO

Alexandre Magno de Campos Dutra

João da Costa Pantoja

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270413>

CAPÍTULO 14	200
MOSAICO: VIDA E ARTE	
Sarah Jamille Pacheco Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270414	
CAPÍTULO 15	211
O CINEMA COMO DOCUMENTO: A ARQUITETURA COMO UM VEÍCULO DE ENTENDIMENTO DE UMA SOCIEDADE NA OBRA FÍLMICA DE FICÇÃO	
Alexandre Albuquerque	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270415	
CAPÍTULO 16	223
MUSEUS EM COMUNIDADES, TURISMO E CULTURA: PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO	
Sergio Moraes Rego Fagerlande	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270416	
CAPÍTULO 17	241
LOS CENTROS DE INTERPRETACIÓN DEL ARTE RUPESTRE, UN MEDIO DE PROTECCIÓN Y DIFUSIÓN PATRIMONIAL	
Jorge Alberto Porras Allende	
Heidy Gómez Barranco	
Herwing Zeth López Calvo	
Jorge Iván Porras Sánchez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270417	
CAPÍTULO 18	253
O ÚLTIMO TRAÇO DE NIEMEYER NA PAMPULHA: DA INVISIBILIDADE À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA O PAINEL DA CASA DO BAILE	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
Daniela Tameirão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270418	
SOBRE O ORGANIZADOR	276
ÍNDICE REMISSIVO	277

O ÚLTIMO TRAÇO DE NIEMEYER NA PAMPULHA: DA INVISIBILIDADE À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA O PAINEL DA CASA DO BAILE

Data de aceite: 01/04/2022

Ronaldo André Rodrigues da Silva

PUC Minas; ICOMOS-Brasil; APPI-Portugal

Daniela Tameirão

Instituto Periférico

RESUMO: A musealização e conservação do Painele Oscar Niemeyer levam à compreensão reflexão e proposição de um conjunto de ações para sua preservação como elemento integrado à Casa do Baile – Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design (CABAUD), e parte integrante do Conjunto Moderno da Pampulha - reconhecido pela Unesco como Patrimônio da Humanidade, na categoria Paisagem Cultural, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Buscou-se realizar um diagnóstico a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, cuja análise centrou-se nas memórias e história do Painele bem como em uma avaliação preliminar das condições em que ele se encontra. Uma análise sob a perspectiva museológica e da conservação consiste em preservar objetos e aproximar o homem dos elementos formadores de sua identidade. Apesar destas questões, o que se observa é uma contraposição, ou seja, o processo de invisibilização do painele desde a sua inauguração. Ao apresentar esta “obra de arte” de próprio punho do arquiteto a partir de sua singularidade e constituição pretende-se construir um processo de valorização e musealização que venha a consolidar e resumir a trajetória inicial da vida profissional do arquiteto, representada

com elementos do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha e traços modernistas de Brasília. Ao final, apresentam-se reflexões que levam ao questionamento acerca de sua incorporação como elemento de referência e de definição de uma identidade própria, não somente como objeto de arte integrado à Casa do Baile, mas a todo conjunto e como símbolo para a compreensão da história do arquiteto e do Conjunto da Pampulha, como representação iconográfica da moderna arquitetura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Painele Oscar Niemeyer, Casa do Baile, Conjunto Moderno da Pampulha, Conservação e Restauração, Musealização.

NIEMEYER'S LAST TRACE IN PAMPULHA: FROM INVISIBILITY TO THE CONSTRUCTION OF AN IDENTITY FOR THE PANEL OF CASA DO BAILE

ABSTRACT: The musealization and conservation of the Oscar Niemeyer Panel leads to the understanding, reflection and proposition of a set of actions for its preservation as an integrated element of Casa do Baile – Reference Center for Architecture, Urbanism and Design (CABAUD), and an integral part of the Modern Ensemble of the Pampulha - recognized by Unesco as a World Heritage Site, in the Cultural Landscape category, in Belo Horizonte, Minas Gerais. We sought to conduct a diagnosis based on a bibliographic and documentary research, whose analysis focused on the memories and history of the Panel as well as on a preliminary assessment of the conditions in which it finds itself. An analysis from a museological and conservation perspective consists of preserving objects and bringing man

closer to the elements that form his identity. Despite these issues, there is an opposition, that is, the process of invisibility of the panel since its inauguration. By presenting this “work of art” in the architect’s own hand, based on its uniqueness and constitution, a built process of valorization and musealization is that will consolidate and summarize the initial trajectory of the architect’s professional life, represented with elements of the Architectural Ensemble and Landscape of Pampulha and modernist features of Brasília. At the end, some reflections are presented that lead to the questioning about its incorporation as an element of reference and definition of its own identity, not only as an art object integrated to Casa do Baile, but to the complete set and as a symbol for understanding the history of the architect and the Pampulha Complex, as an iconographic representation of modern Brazilian architecture.

KEYWORDS: Oscar Niemeyer Panel, Casa do Baile, Pampulha Modern Ensemble, Conservation and Restoration, Musealization.

1 | INTRODUÇÃO

O Painel existente na Casa do Baile, em Belo Horizonte, Minas Gerais, consiste em um importante registro da genialidade do arquiteto Oscar Niemeyer como elemento nela inserido. Ao analisar as questões referentes a sua convergência como objeto integrado, tem-se como contraponto a divergência quanto ao seu reconhecimento como parte integrante e visibilizada deste Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design.

Uma proposta inovadora de análise para futura intervenção museológica e conservação preventiva. É apresentada a partir de um diagnóstico preliminar acerca do painel em que foram desenvolvidas atividades de pesquisa, análise de documentação museológica e de conservação do Painel Oscar Niemeyer (figura 1).



Figura 1 – Casa do Baile com destaque ao Painel (à esquerda).

Fonte: Acervo documental da Casa do Baile. Citado por Tameirão; Rodrigues da Silva, p.10, 2021.

A ideia de criação de uma documentação alternativa e inovadora consistiu em apresentar uma das múltiplas faces dos processos de comunicação da museologia que está presente em diversos teóricos de seu campo epistemológico: para Pomian (1984), a conservação e musealização de objetos e acervos torna-se elemento essencial para que se evidenciem a relevância de determinados elementos de formação da cultura nas sociedades humanas; para Mensch (1994) um dos pilares de construção do campo museológico se apresenta a partir do campo de estudo que considera um conjunto de atividades que compreende objetos e coleções como elementos representativos da cultura e como um estudo das relações específicas entre o homem e sua realidade; e, nacionalmente, para Guarnieri (1990), o papel da musealização como campo de estudo capaz de preservar objetos e aproximar o homem dos elementos formadores de sua identidade.

Entretanto, o que se observa, é uma não comunicação da intervenção, à época esboçada por Niemeyer e por seu assistente, o arquiteto e urbanista Jair Valera, que confeccionaram os croquis das estruturas e as frases contidas no Painel. Com isso se verifica a sua necessidade de reconhecimento e expressão em relação a importância e singularidade do conjunto, como elemento da história do modernismo arquitetônico e referência para a elaboração do plano piloto da capital federal que se consolidaria anos após o projeto em Belo Horizonte.

Assim, devido à sua singularidade e constituição a partir das intervenções do autor, Oscar Niemeyer, em uma de suas obras, justifica-se a necessidade de uma discussão que o torne visível e que crie uma identidade. A consolidação e comunicação de sua importância para o conjunto e para a história do lugar e da arquitetura brasileira determina uma trajetória de vida, desde sua concepção a sua maioridade, uma vez que completou 18 anos de sua existência em 2021.

Busca-se, então, trazer uma visibilidade e identidade ao Painel, pois não se percebe a sua existência como bem integrado de um espaço museológico. Valorizá-lo e preservá-lo como elemento de referência não somente à Casa do Baile, mas a todo Conjunto Moderno da Pampulha, significa oferecer uma oportunidade de compreendê-lo e comunicá-lo como um ponto de partida para se conhecer a história do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico e da trajetória do arquiteto Oscar Niemeyer.

2 | CULTURA MATERIAL, MATERIALIDADE E VALOR

O conceito de objetos como patrimônio ou como elemento de uma cultura, a partir do conceito de Bergeron (2015), circunscreve aqueles objetos que se encontram musealizados, assim como objetos patrimonializados. Entretanto, as duas categorizações partem de uma construção de significados inerentes aos objetos as quais compreendem uma identidade em relação a indivíduos ou grupos, e mesmo sociedade os quais encontram certa identificação e identidade a tais objetos, ou seja, podem ser considerados, no

contexto museológico, como itens ícones dos museus os quais se revelam como “objetos de pretextos” determinantes para se compreender histórias e memórias.

Complementa-se a categorização por Charpentier (2016), em que se observa para além do discurso científico, formal e de investigação científica, a ideia de uma relação constituída entre indivíduo e objeto a qual se determina por um conjunto de elementos que determinam a função simbólica do objeto cuja estruturação se faz a partir de uma subjetividade do discurso e sua conseqüente descrição acerca do próprio objeto.

Torna-se necessário pontuar, uma relação de significância do objeto parte de uma funcionalidade e utilidade latentes as quais são transferidas para um contexto de signos e de significados que compreendem não somente a forma e o conteúdo do objeto, mas que se constitui uma relação com o indivíduo em que ocorre certo diálogo a partir das linguagens próprias àqueles objetos denominados semióforos. Tem-se assim os objetos como semióforos que se determinam a partir de elementos cuja relação entre indivíduo e objeto se constrói a partir de um espectro aurático em que se consideram a história do objeto, o seu valor e o discurso ao qual se encontra construído.

Segundo Baudrillard (2008), a funcionalidade do objeto, substituída pelos significados a ele atribuídos, se transforma segundo o contexto em que se encontra em um sistema que lhe permite responder acerca da perda da função original, mas que segundo a história e memória nele contidas remete ao passado para construção de seus significados e valores presentes. A funcionalidade passa a significar, assim, um contexto passado de consumo e de experiências cujas relações mercantilistas em que se encontravam passam a ser transferidas para uma cultura do poder, museal ou patrimonial, retratada pelo valor simbólico e pelos diferentes significados a ele atribuídos.

Com isso, o objeto que anteriormente se potencializava a partir de sua funcionalidade e usabilidade, de sua relação com o mundo real e, conseqüentemente com as necessidades do homem, passa a objeto de significados e de consumo (de valores, de signos) simbólico (de desejos, de significações e de identidade). Dohmann (2013) aponta que

Desde os primeiros dias de nossas existências temos contato com objetos. Berços, brinquedos, roupas etc. Cada item reúne informações detalhadas para o entendimento de quem somos, onde estamos e o que fazemos, provocando uma fusão de aspectos emocionais e racionais. Nosso entorno é composto por objetos concretos e abstratos, industriais, artesanais ou virtuais, todos sinalizando marcantes relações, sejam emocionalmente conectadas ou ligadas a devaneios intelectuais, permitindo a construção de teorias entre a arte e as descobertas científicas. Deve-se entender que a sua importância não reside apenas no seu poder instrumental, mas principalmente como companheiros das experiências de vida. (p. 34).

Esta construção do significado determina consigo uma materialização de ideias cuja representação se constitui segundo novos elementos de referência segundo os quais se determina um ‘novo’ discurso museal (ou patrimonial) em que se tem o reconhecimento de sua singularidade ou excepcionalidade, seja para o indivíduo ou para os grupos,

comunidades ou sociedades em que se encontra inserido. A mudança de paradigma em que se tem a transposição de relevância do objeto de sua relação de funcionalidade/utilidade para uma relação de significância/significado determina aos objetos semióforos, e conseqüentemente, aos objetos emblemáticos uma dessocialização do objeto (perda de sentido), em um momento passado, e sua posterior ressocialização (refuncionalização museal/patrimonial) como signo e representação de significados passados.

Devallon (2010) reforça a ideia de uma relação construída entre espectador e objeto a partir das exposições ou das formas de apresentação dos objetos a terceiros a partir da qual ele propõe um processo de reciprocidade. Nele ocorre uma contextualização do objeto a qual ocorre segundo uma recriação realista do contexto de origem, denominada diorama, em que se tem uma imersão simbólica de sentidos seja das características visíveis ou invisíveis dessa relação objeto-indivíduo.

Determina-se, assim, ao espectador, uma possibilidade de experienciação ou experimentação de sentidos que transmuta a questão racional, da construção de signos e significados a partir da funcionalidade e usabilidade percebidas, mas que se funda na identidade transcendental que perpassa por questões de sensibilidade e corporeidade em que o espectador se coloca para além do espaço e tempo apresentados pelo objeto e se transmuta a outro campo espacial-temporal de experimentação. Com isso, a própria representação do objeto e sua carga de signos e significados lhe determina o caráter emblemático, de simbolismo, simulações e simulacros os quais se aproximam dos conceitos de Baudrillard (2008) com relação à espetacularização do objeto e sua capacidade de construção de uma realidade etérea e representativa de uma realidade não-existente.

Complementa-se a essas ideias, as interpretações de Meneses (1998) para o qual os objetos se encontram carregados de significados, carregados de compromissos com o presente, pois nele se produzem e se reproduzem como categoria de objeto e a partir dessa capacidade mimética se conformam às necessidades do presente as quais eles respondem e correspondem. Assim, se contrapõem à resistência de significados ou signos que ocorre a partir de uma ausência de identidade e identificação a qual desemboca no que se pode determinar como 'fantasma' das coisas cuja proliferação desenfreada determinaria uma ruptura com relação à memória e à história.

A força adquirida pelos objetos e seus significados compreende uma contínua construção de elementos de comunicação que criam identidades e relações próprias entre elementos do passado que se fazem presente e se perpetuam no futuro. Complementa-se assim ao objeto, a sua característica metafórica que se revela a partir de uma relação de substituição de sentido em que se observam ideias e conceitos os quais se formam a partir da interpretação externa ao próprio objeto e segundo um caráter de identificação, ou mesmo de identidade entre a sua representação e a relação com o outro.

31 . A CASA DO BAILE E O PAINEL NIEMEYER

A Casa do Baile foi construída no início dos anos 40 e inaugurada em 29 de novembro de 1942, poucos meses antes da inauguração oficial do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, que ocorreu em maio de 1943. O Jornal Diário Carioca de 25/05/43 noticiou:

“Com a finalidade de criar na Pampulha um centro de reuniões populares, a Prefeitura mandou projetar o edifício do “Baile”, local destinado às diversões populares, havendo, portanto, duas finalidades na execução desta obra – a de valorização artística da Pampulha e a função social como diversão sadia para o povo.” ... “A sala das dansas possui magníficas instalações para bar e restaurante, com aparelhagem moderna e completa.”

A Casa do Baile tinha como uso original ser um pequeno restaurante dançante. Construída pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, na gestão do prefeito Juscelino Kubitschek tinha como funções principais, atividades sociais de diversão, lazer e encontros populares. Além de sua beleza e estética arquitetônica, a Casa do Baile determinou a valorização artística do Conjunto da Pampulha.

O fechamento do Cassino, hoje Museu de Arte da Pampulha, em 1946, devido à proibição do jogo no Brasil, levou à diminuição de público aos equipamentos da Pampulha. Em consequência, o Sr. João Boschi, concessionário da Casa do Baile, se reinventou e determinou novos usos ao local. A continuidade como restaurante determinou uma nova programação e promoveu o espaço para uso coletivo de lazer. Ao longo das décadas de 50 a 70, sob a administração da Prefeitura, o espaço foi utilizado por vários fins comerciais, sofrendo momentos de descaracterização arquitetônica e paisagística. Em 1983 houve uma proposta de transformar a Casa do Baile em um “Pequeno Museu Redondo” com estudos iniciais do arquiteto e museógrafo francês Pierre Catel, projeto de Oscar Niemeyer com apoio da UFMG e parceria do artista plástico José Alberto Nemer.

Nos anos 90 a Casa volta ao seu uso original como restaurante. O reconhecimento como patrimônio cultural nacional e de identidade da arquitetura moderna determinou a sua restauração com um projeto de Oscar Niemeyer. Em uma correspondência do IEPHA datada de agosto de 1999 e assinada pelo seu presidente da época, Flávio de Lemos Carsalade, tem-se em destaque a menção inicial acerca da confecção do painel da Casa do Baile, conforme o trecho a seguir: “Assim sendo, a PBH convidou o arquiteto Oscar Niemeyer que não apenas se comprometeu a doar o projeto como também de desenhar painel especial a ser agregado ao interior do prédio fazendo como que um retorno aos momentos iniciais de sua carreira.”

Em dezembro de 2002 é reinaugurada como um espaço museal e denominada Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design vinculada à Fundação Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

É necessário considerar que a Casa do Baile e todo o conjunto da Pampulha passaram por diferentes períodos e usos, do glamour à novidade dos anos 40 à concessão

como restaurante nos anos 70 e 80 até sua desvalorização como elemento cultural e arquitetônico nos anos 80 e 90. No início dos anos 2000 se retomou a importância do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha como patrimônio a ser preservado.

Ressalte-se que houve o reconhecimento do Conjunto Moderno da Pampulha como patrimônio cultural em 1984, por meio do tombamento estadual pelo IEPHA-MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais); em 1997, ocorre o tombamento federal pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e em 2003 o seu reconhecimento municipal como patrimônio cultural pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte.

Ao promover o seminário “A Casa em Debate - Pampulha: um patrimônio da humanidade”, no ano de 2013, o gestor da Casa do Baile ‘a época, o arquiteto Guilherme Maciel Araújo, discutiu-se acerca dos valores da Pampulha que determinaram a sua proteção e tombamento nas esferas Federal, Estadual e Municipal.

“a visibilidade trazida pelo empreendimento difundiu a imagem de uma Belo Horizonte moderna, não só no Brasil, mas também no exterior. Propagandas veiculadas pelas revistas Belo Horizonte, Alterosa e jornais Estado de Minas e Folha de Minas mostravam a arquitetura arrojada e bela da Pampulha, e destacava a cidade com sua atmosfera de sofisticação e modernidade, voltada para seus habitantes e turistas. Revistas internacionais enviaram fotógrafos a Belo Horizonte para registrar a beleza da Pampulha, como foi o caso da publicação *L’architecture d’aujourd’hui*, *Architectural Review*, *Domus* e o livro-catálogo *Brazil Builds*, este último produto de uma exposição montada pelo Museu de Arte de Nova Iorque – MoMA”

Em 2016, o Conjunto Moderno da Pampulha recebe então o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em função dos critérios de representar uma obra-prima do gênio criativo humano e exibir um evidente intercâmbio de valores humanos com impacto sobre o desenvolvimento da arquitetura. Uma linha do tempo que simboliza a trajetória histórica da Casa do Baile está abaixo apresentada na figura 02.

Atualmente, a Casa do Baile, denominada Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design – CABAUD, é um espaço museal que, segundo seu Plano Estratégico (PBH, 2019), tem como missão: “implementar, promover, incentivar e divulgar ações e iniciativas relacionadas à arquitetura, urbanismo e design, sobretudo a partir da manifestação peculiar do Conjunto Moderno da Pampulha.” (p. 21). No ano de 2022, têm-se três importantes datas: 80 anos de inauguração da Casa do Baile, 20 anos de sua reinauguração como um Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design; e, por último 10 anos do falecimento de Oscar Niemeyer.

O ÚLTIMO TRAÇO DE
NIEMEYER NA
PAMPULHA

PAINEL OSCAR
NIEMEYER

O PAINEL OSCAR NIEMEYER, INVISIBILIZADO
DESDE SUA CRIAÇÃO, EM SUA MAIORIDADE
GANHA UMA IDENTIDADE.



Figura 2 – Timeline da Casa do Baile.

Fonte: Tameirão; Rodrigues da Silva, p.25, 2021.

Apesar de a Casa do Baile não se constituir em um equipamento museal tradicional, há uma relação direta com a definição de objeto museológico, pois o equipamento em si e todo o seu conjunto devem ter suas práticas desenvolvidas sob a perspectiva das funções museais, em especial os processos de preservação e comunicação, sendo a documentação e a informação, elementos essenciais para conhecimento dos diferentes grupos e indivíduos de interesse.

Assim, a documentação do Painel torna-se essencial à sua valorização, uma vez que a sua falta compromete o bom desempenho das funções da Casa do Baile como centro de referência e aos trabalhos de pesquisa e museológicos. Assim, ao convergir o conceito de documento ao Painel, pode-se analisar a relação segundo Padilha (2014), pois, documento

“é qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legítima, testemunha e que constitui de elementos de informação.” (p. 13).

Dessa maneira, o painel Oscar Niemeyer confeccionado em 21 de março de 2003, pode ser considerado um bem cultural de valor singular para o espaço museal, porém, se tem um problema quanto à sua invisibilidade e ausência de documentação que extraia as informações da biografia desse objeto, o que facilitaria a sua preservação e valorização. (BAHIA, 2008).

A origem, o formato e a funcionalidade dos objetos são fatores que determinam se seus guardiões serão os arquivos, as bibliotecas ou museus. No caso do painel Oscar Niemeyer desde a sua confecção e inserção no espaço museal, a Casa do Baile, ele não preenche as etapas e os requisitos necessários de uma documentação museológica e a sua inserção como bem integrado. Uma documentação própria cumpriria a função museal da Casa ao promover a preservação deste objeto- testemunho, afinal, a partir do conceito de conservação entende-se tal objeto como base principal para as ações de comunicação e de educação, além da função ser norteadora na gestão da instituição.

4 | O PAINEL OSCAR NIEMEYER: SUA VALORAÇÃO COMO BEM CULTURAL

A valoração de bens culturais pode apresentar diferentes modelos de análise e definição de fatores que determinem a importância do bem como elemento cultural. Ao se levar em consideração os principais aspectos, o ICCROM apresenta um modelo em que se observa a necessidade de salvaguarda desses objetos ou bens culturais a partir de algumas características como: seu significado que se define como a soma de todos os valores relativos às qualidades intangíveis do bem associadas aos elementos de fabricação tangíveis, conforme a figura 3 a seguir.

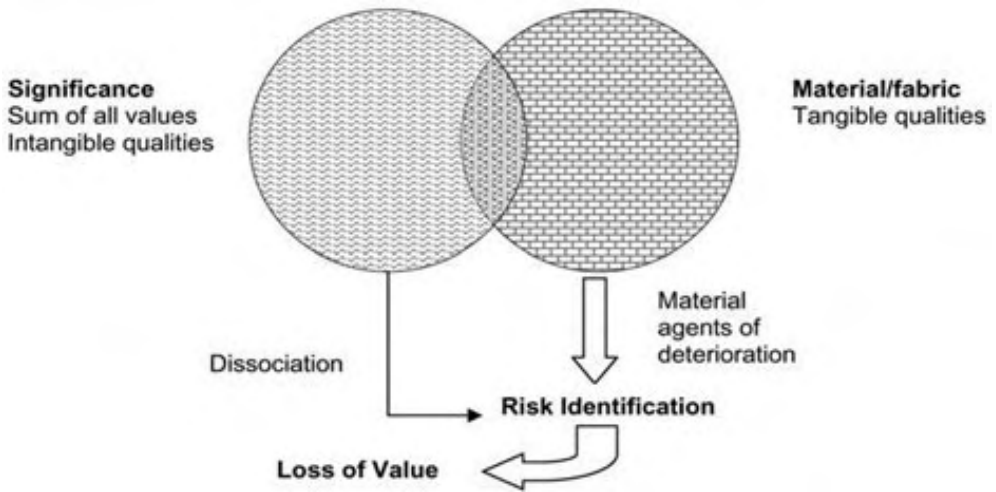


Figura 3 – Avaliação do bem cultural.

Fonte: MEUL, p. 1052, 2008.

Para Meul (2008), a relação de perda de valor ocorre a partir da unidade de análise, ou seja, do objeto. Assim se avalia objeto segundo seu significado (intangível) e materialidade (tangível) em que se tem a identificação de riscos e perda de valor segundo uma estrutura de envolve agentes de deterioração, exceto a dissociação que avalia ser por negligência de gestão, custódia ou salvaguarda e a falta de uma política de conservação e preservação. Assim, a perda de seu valor, ocorre essencialmente quando a identificação do risco ocorre por processos de deterioração material pelos diferentes agentes de degradação ou por dissociação, o que leva define efetivamente perda de suas qualidades intangíveis.

Em relação à identificação de tais riscos de perda material tem-se que as características imateriais a que esteja relacionado determinam uma perpetuação de seu significado e valor uma vez que elas permitem identificar suas características chave, ou seja, sua importância para o campo da arquitetura, bem como seu legado como referência de patrimônio edificado moderno. Nesse sentido, o valor do painel Oscar Niemeyer se encontra nessa dimensão imaterial para além das qualidades tangíveis o que reforça a soma dos significados determinados pelas características imateriais, o que reforça o senso de lugar. (Figura 4).

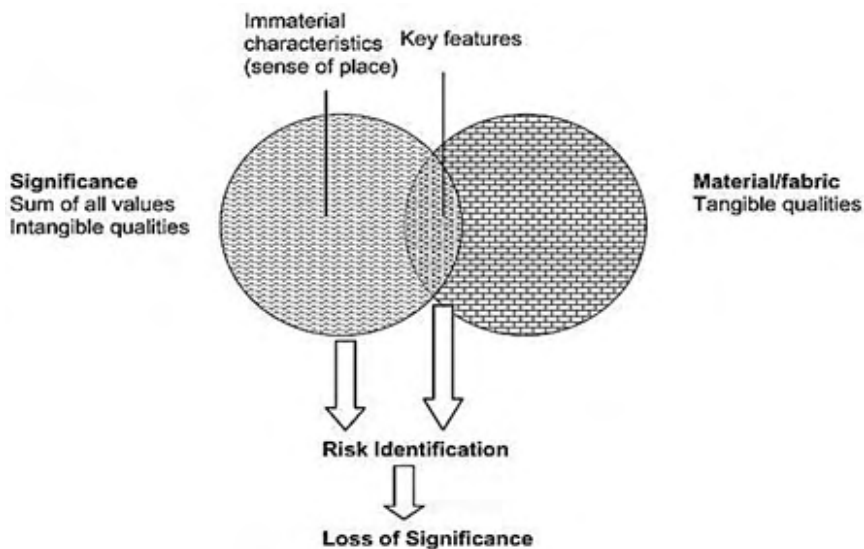


Figura 4 – Valoração do bem cultural.

Fonte:MEUL, p. 1052, 2008.

Além desses fatores deve-se considerar que ao avaliar a perda de significância de objetos os componentes de identificação de características imateriais (senso de lugar) e características-chave (materialidade) do objeto cujas perdas definem uma correlação que se encontra vinculada aos diferentes valores, por exemplo, específicos e de uso, de contexto e outros a partir dos quais se constrói o senso de patrimonialização do objeto.

Para uma análise sob tal perspectiva observa a comparabilidade de modelos proposta pela instituição Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI/Ibermuseos (2010). A partir da análise acima pode-se desenvolver um quadro em que se aplique o exemplo estudado quanto aos elementos de materialidade do Painel Oscar Niemeyer. Assim, obtém-se a seguinte matriz comparativa. (tabela 1).

Reigl (1902)	Lipe (1984)	Carta de Burra (1998)	Frey (1997)	Patrimônio inglês (1997)	Mason (2002)
ANTIGUIDADE Refere-se ao período de invisibilidade do Painel e sua maioria.	ESTÉTICO Trajetória profissional por meio de seus traços e croquis de Oscar Niemeyer	ESTÉTICO (ver estético – Modelo de Lipe)	MONETÁRIO (ver econômico – Modelo de Lipe)	CULTURAL (ver social – Carta de Burra)	HISTÓRICO (ver histórico – Modelo de Riegl)

<p>HISTÓRICO Referência às obras referenciais de Oscar Niemeyer (Pampulha e Brasília)</p>	<p>ECONÔMICO Exemplar ímpar do arquiteto como elemento integrado a um de seus projetos de arquitetura moderna.</p>	<p>HISTÓRICO (ver histórico – Modelo de Riegl)</p>	<p>OPCIONAL Não se aplica</p>	<p>PEDAGÓGICO (ver informativo – Modelo de Lipe) (ver científico – Carta de Burra)</p>	<p>ECONÔMICO UTILITÁRIO (ver econômico – Modelo de Lipe)</p>
<p>COMEMORATIVO Representa um processo de restauração e valorização da Casa do Baile e registro do início da carreira de Oscar Niemeyer</p>	<p>INFORMATIVO Contém referências da vida profissional e posicionamento político-ideológico de Oscar Niemeyer</p>	<p>CIENTÍFICO Referência para as escolas de arquitetura por conter croquis e exemplos de seus principais projetos para inovação no campo da arquitetura moderna.</p>	<p>EXISTENCIAL (ver social – Carta de Burra)</p>	<p>ECONÔMICO (ver econômico – Modelo de Lipe)</p>	<p>ECONÔMICO NÃO UTILITÁRIO (ver associativo-simbólico – Modelo de Lipe) (ver legado - modelo de Frey)</p>
<p>USO Representa a função da Casa do Baile como centro de referência à arquitetura urbanismo e design</p>	<p>ASSOCIATIVO/SIMBÓLICO Como um exemplo singular de objeto integrado a uma das obras de referência do Oscar Niemeyer</p>	<p>SOCIAL Representa a expressão material/imaterial e afetiva/política de Oscar Niemeyer</p>	<p>LEGADO Representa uma forma de documentação</p>	<p>DE RECURSO Recurso profissional para a prática nas áreas arquitetura, urbanismo e design</p>	<p>SOCIAL ver social – Carta de Burra)</p>
<p>NOVIDADE Por ser um trabalho de próprio punho de Oscar Niemeyer em espaço público e museal, ele pode ser considerado singular</p>			<p>PRESTÍGIO Sua singularidade enquanto obra de arte de Oscar Niemeyer</p>	<p>RECREACIONAL Criação do espaço como elemento cultural, de ócio e recreacional, além de representações de elementos de lazer</p>	<p>ESPIRITUAL/RELIGIOSO Representação de suas interpretações em relação à estética das edificações religiosas</p>
			<p>EDUCATIVO Como elemento de comunicação museal para estudo dos diversos significados.</p>	<p>ESTÉTICO (ver estético – Modelo de Lipe)</p>	<p>ESTÉTICO ver estético – Modelo de Lipe)</p>
					<p>HISTÓRICO/CULTURAL/SIMBÓLICO (ver associativo-simbólico – Modelo de Lipe)</p>

Tabela 1 – Tipologias de Valoração material – Painel Oscar Niemeyer.

Fonte: Adaptado de Mason, 2002; OEI, Ibermuseus, p. 191) e Elaboração própria, 2021.

Os valores percebidos no Painel determinam uma preocupação com a memória e a história dos objetos, agregadas às questões de sua materialidade e imaterialidade que lhes garante o aspecto de identidade com indivíduos e grupos bem como às questões relativas aos aspectos das áreas da arquitetura, do urbanismo e do design.

Tal característica da cultura material se reforça com o pensamento de Rede (1996) que afirma: “... as coisas físicas têm uma trajetória, uma vida social com sucessivas

mutações. Poderíamos mesmo falar, sem medo de paradoxos, de uma “biografia das coisas.” (p. 147). Ou seja, a biografia do Painel Oscar Niemeyer, como uma representação da trajetória inicial de um dos principais profissionais da área, que se confunde, durante a segunda metade do século XX, às proposições e ao conhecimento da arquitetura moderna.

Com isso, os objetos determinam, em si, uma relação de materialidade e imaterialidade, pois passam a ser portadores de identidade de indivíduos e grupos os quais estão representados. Tornam-se objetos reprodutores de uma memória coletiva capazes de expressar o pensar do indivíduo, seja no sentido de afirmação ou reforço de signos e significados, seja no silenciamento ou apagamento de determinadas memórias. Para Pomian (1984) muitas vezes tais objetos se tornam formas de expressão do homem, de sua época, de suas memórias e sua história.

Ainda assim, enquanto elementos de expressão se destituem do caráter de funcionalidade e se revestem de uma aura de sacralidade. Tem-se, assim, uma transformação a qual se define por uma interpretação e significação diversa daquela assumida antes de sua aurificação ou musealização. Ocorre a criação de uma interpretação material do objeto, de um sentido museal (aurático) cuja carga de significados passa a ser maior e predominante, frente a sua menor utilidade até mesmo ser destituído desta, tornando-se assim um objeto semióforo.

Dessa maneira, ocorre a transposição ou troca de toda uma função utilitária e de funcionalidade do objeto, expressa em sua materialidade e visibilidade que está substituída por um conjunto de significados e simbolismos, de caráter interpretativo e subjetivo, ou seja, permeado de “invisibilidades” que compõem o objeto semióforo. O objeto passa a expressar, como no caso do Painel, não somente interesses estéticos e científicos, mas se transforma em elemento de afirmação identitária e de posicionamento político-ideológico.

Os objetos semióforos enquanto relíquias ou objetos únicos e de particular interesse, trazem consigo significados que estão relacionados à presença de homens e sociedades, enquanto objetos biográficos e que simbolizam desde o seu envelhecimento e esquecimento ou particularidade e singularidade. A questão temporal, a invisibilidade ou visibilidade extremas significam a transformação de uma função do tempo pretérito à interpretação presente de uma construção de signos e significados que se tornam referenciais e se constituem em relações materiais e imateriais que lhes conferem, por conseguinte, e contraditoriamente, em certa medida, maior visibilidade e valorização pelo seu tempo existente, sua “vetusta”.

Enquanto portadores de significados do passado e ressignificações do presente, os objetos semióforos tornam-se formadores de relações únicas cuja interpretação, segundo Pomian (1984) passa por questões de necessária proteção especial da qual os mesmos objetos se revestem de privação de utilidade, de valor e de uso, mas que, todavia, lhes confere um valor de troca, de expressão ou de referência os quais estão presentes nos ambientes museais desde os gabinetes de curiosidade aos museus contemporâneos.

Como objetos representativos de relações míticas (invisíveis) ou de relações de um passado vivido (visíveis), eles definem no contexto museal, os objetos semióforos, e algumas vezes, os objetos emblemáticos. Um significado construído por membros integrantes de uma comunidade em particular que define relações de identidade, assim como com o público em geral, por permitirem a construção e interpretação de si mesmos segundo as inter-relações estabelecidas entre objeto-homem-sociedade como elementos de identificação e identidade.

5 | O PAINEL OSCAR NIEMEYER: INVISIBILIDADE E MATURIDADE

O Painel de Oscar Niemeyer que se encontra no interior da Casa do Baile constitui-se, assim, como uma obra singular devido às suas características de execução, uma vez que foi idealizado durante as obras de restauração do edifício ao final dos anos 90 do século XX e realizado ao final do processo em 2003.

Entretanto, nos anos posteriores até o início dos anos 20 do século XXI, o painel tem sofrido constantes processos de degradação e deterioração que podem determinar sua desaparecimento e perda de registro, uma vez que ele apresenta em sua feitura materiais de decomposição contínua e não constituintes de elementos de prolongamento de sua vida útil.

O estado atual do painel tem despertado uma preocupação com relação ao estado de deterioração avançado em que se encontra o que leva a um estágio de apagamento acelerado da sua escrita além de outros elementos de deterioração observados que se apresentam se a obra for analisada e visualizada.

A figura 5, a seguir, representa o momento da confecção, por Oscar Niemeyer do painel, que tem formato curvo côncavo possui as dimensões de 5,38 x 2,41m, está confeccionado em algodão americano cru aderido em compensado com acetato de polivinil e tinta látex branco neve. Confeccionados, de próprio punho, por Oscar Niemeyer, os desenhos, croquis e escrita foram realizados na parte central em 21 de março de 2003 com caneta Permanent Maker SAMFORD.

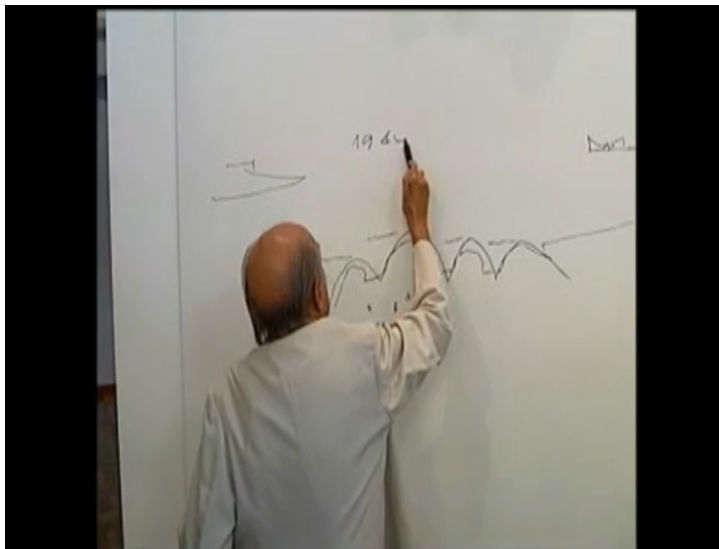


Figura 5 – Confeção do Painel por Oscar Niemeyer.

Fonte: Material audiovisual – Acervo e Documentação Casa do Baile, 2003.

Seu conteúdo faz alusão à fase inicial da carreira do arquiteto, com elementos do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha, anos 1940, com destaque para o Museu de Arte da Pampulha (Antigo Cassino), o late Tênis Clube e a Igreja de São Francisco de Assis; e elementos de Brasília, anos 1960 e posteriores, em que se tem o Palácio Nereu Ramos (Congresso Nacional), a representação de uma das colunas do Palácio da Alvorada, a Catedral de Brasília, o Museu Nacional Honestino Guimarães e a Biblioteca Nacional que compõem o Complexo Cultural da República João Herculino. Contém ainda, um trecho assinado por Oscar Niemeyer e escrito por seu assessor Jair Valera. Há também duas manifestações político-ideológicas, a inscrição “Todos contra Bush”, em referência ao período de guerra com o Oriente, com o número 03 que indica o ano de 2003 e a inscrição “MST” com um desenho que representa o monumento Eldorado Memória.

Uma descrição mais detalhada do Painel, retirada de um excerto do roteiro de podcast realizado por Tameirão e Rodrigues da Silva (2021), encontra-se apresentada a seguir.

O painel foi confeccionado, de próprio punho, por Oscar Niemeyer. Os desenhos, croquis e escrita foram realizados na parte central. Para a nossa audiodescrição, iniciaremos a partir de uma leitura frontal e dividiremos o painel em três partes: elementos à esquerda, inscrição central e elementos à direita. Para os elementos à esquerda, tem-se na parte superior, a data de 1940 que marca o período de construção do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. Abaixo desta data tem-se os três elementos representativos do conjunto: à esquerda o Museu de Arte da Pampulha (Antigo Cassino), à direita o late Tênis Clube e em um plano central e inferior tem-se os croquis da Igreja de São Francisco de Assis, conhecida como Igreja da Pampulha, com seis

representações humanas a sua frente. Na parte central inferior se encontra a inscrição: "Pampulha foi o início de Brasília. Os mesmos problemas, a mesma correria, o mesmo entusiasmo. E seu êxito influiu, com certeza, na determinação com que JK construiu a nova capital." Com a rubrica de Oscar Niemeyer ao final dos dizeres. Os elementos à direita se compõem da data de 1960, na parte superior central, com referência ao período de construção de Brasília. A sua esquerda tem-se a representação do Palácio Nereu Ramos, conhecido como Congresso Nacional, e em um nível inferior à esquerda tem-se a representação de uma das colunas do Palácio da Alvorada. Abaixo do desenho do Congresso estão os croquis da Catedral de Brasília e à sua direita, em um plano superior encontra-se o desenho do Museu Nacional Honestino Guimarães, construído 40 anos após a inauguração da Capital Federal. À direita do Museu tem-se a representação da Biblioteca Nacional que juntos compõem o Complexo Cultural da República João Herculino. Na parte inferior que representa o Complexo Cultural tem-se da esquerda para a direita duas manifestações político-ideológicas, a inscrição "Todos contra Bush", período de guerra com o Oriente, com o número 03 abaixo que indica o ano de 2003; e a inscrição "MST" com um desenho abaixo que representa o monumento Eldorado Memória, um ancinho segurado ao meio por uma mão e posto a frente de dois olhos aberto. Monumento doado por Oscar Niemeyer ao Movimento dos Sem-Terra em homenagem aos trabalhadores rurais mortos no conflito de terras em Eldorado dos Carajás, Pará, em 1996, que foi destruído logo após sua inauguração. À direita do desenho, os dizeres, "A terra é de todos" em alusão a frase do monumento "A terra também é nossa". (pp. 27-8).

Carsalade (2007) apresenta resumidamente o significado do Painel e de sua importância para Oscar Niemeyer e para o Complexo da Pampulha, em especial para a Casa do Baile:

Para reinventar a dança da Casa, no novo milênio, o arquiteto Oscar, sessenta anos mais velho, chegou e criou uma outra curva dentro da circularidade, uma pequena sala de conferências, mostrando ele próprio que sabe que a vida é movimento e é transformação, mas sempre em harmonia com o que vem antes. Para ele só não mudam a memória e os princípios sólidos: na nova parede branca da sala de conferências, sobre a nova concavidade que abraça o centro do Baile, rememorou a Pampulha como início de Brasília e com sua mão trêmula, entre desenhos diversos de suas formas, não deixou os novos tempos por menos: "Fora Bush e viva o MST". (p. 37).

Com isso, percebe-se a necessidade premente de definição de um plano de ação museológica e de conservação que priorize sua análise em função dos processos de valorização e preservação, assim como a minimização dos processos de deterioração.

Uma análise de sua importância histórica e museológica tem como propósito a sua apresentação e análise com relação ao atual estado do painel e à proposição de uma reflexão acerca de sua importância. Ao valorizar a obra, se lhe permite um olhar de preservação e valorização cujo objetivo é oferecer-lhe uma maior vida útil ou mesmo uma adequada proteção.

Sua valorização ocorre a partir da necessidade de avaliação de suas condições e a proposição de ações museológicas, além da análise de suas condições de conservação

e restauração sejam realizadas por um corpo de profissionais especialistas, seja da Museologia, da Conservação-Restauração ou outras áreas para desenvolvimento das atividades de manutenção e preservação do painel.

Sob as perspectivas do contexto museológico, há uma necessidade em propor o resgate da obra, enfatizando a sua história e importância em relação à elaboração e confecção. Sua singularidade lhe define um processo de musealização que contemple a totalidade de um planejamento museológico e inserção como elemento de referência da Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design, parte integrante do Conjunto Moderno da Pampulha, Patrimônio Cultural da Humanidade, título concedido pela UNESCO em 2016.

Um dos elementos de singularidade compõe-se a partir da identificação da origem do painel como elemento previamente definido e programado ou de caráter aleatório a partir da confluência de fatores que o levaram a ser definido tal como se apresenta. Um dos documentos encontrados que tipifica a existência prévia do painel está representado por um dos croquis do projeto de restauração do edifício, conforme mostrado na figura 6, abaixo, na qual se observa o painel (identificação número 15) como parte definida da instalação.

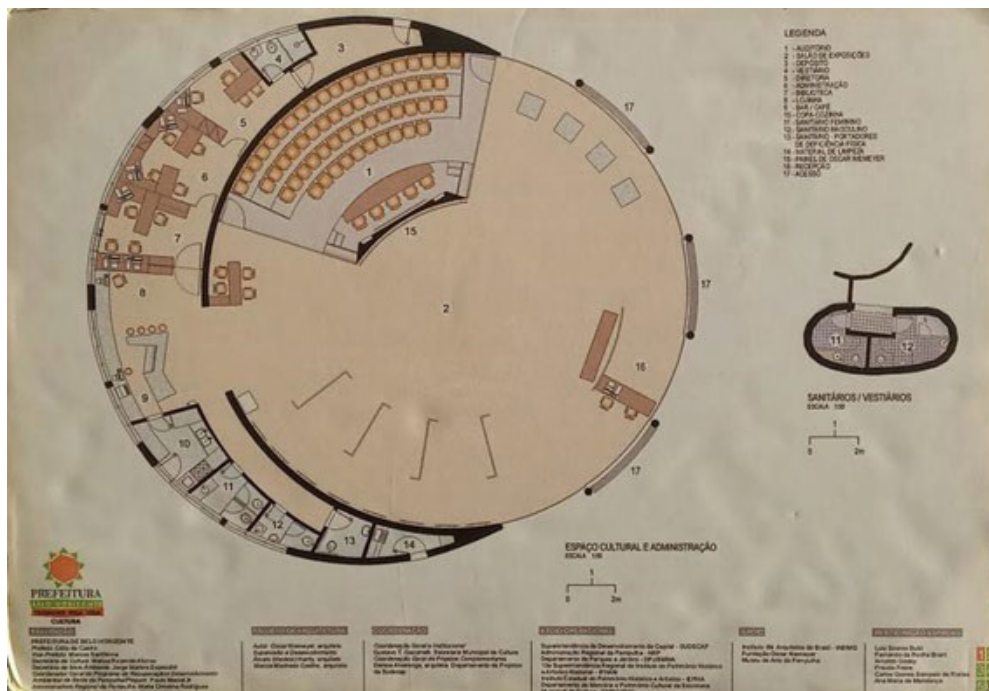


Figura 6 – Croquis de Projeto de Restauração da Casa do Baile, s/d.

Fonte: Documentação da Casa do Baile, 2021.

Uma referência às questões relacionadas ao caráter imaterial do painel e à singularidade de seus croquis está descrita poeticamente por MELO (2000).

“Poucas linhas, firmes – um leve tremor – nenhum detalhamento, grandes vazios, pequenas silhuetas povoando os espaços: o traço de Niemeyer é inconfundível. Em quase toda página de publicação em que o arquiteto é assunto, seu traço comparece. Seu desenho é tão conhecido quanto sua obra. E não é uma obra qualquer: edifícios majestosos, endereços respeitáveis nos cinco continentes, fotografias impactantes. Mas, ali do lado, junto às fotos, sempre presente, sempre registrado, seu desenho, sua maneira peculiar de riscar o papel.”

Ao propor maior visibilidade à obra a partir da análise da documentação existente acerca da sua implantação pretende-se sua valorização não somente em função de sua singularidade, mas como elemento de referência na trajetória do arquiteto Oscar Niemeyer. Padilha (2014) salienta essa visão se relacionado o painel a uma visão como objeto museológico:

Ao pensar no objeto museológico, deve-se levar em conta a informação que ele carrega consigo antes e depois de ser adquirido pelo museu. Além disso, é preciso considerar que todas as práticas desenvolvidas na instituição necessitam ser registradas para que a circulação da informação e a segurança do acervo sejam concretizadas. (p. 10).

Niemeyer define o Painel como uma expressão de sua carreira profissional, representando nele não somente suas obras mestras – o Conjunto Arquitetônico da Pampulha e a cidade de Brasília, mas também seus ideais políticos e sociais. Seus traços únicos estão expressos por Muriel e podem ser interpretados como uma análise do Painel, em que se tem:

“A mão de Niemeyer traça na parede um croqui infinito da arquitetura brasileira. Não é só um sonho ou uma abstração, é a beleza ímpar da arte contra a parede branca. É o começo da forma mágica, encantada, o começo do registro e da memória.” (RODRIGUES DA SILVA; MOTA, p. 13, 2021).

Por fim, ao considerar o Painel uma obra única de Oscar Niemeyer, que foi inserida em um de seus projetos mais icônicos, tem-se a sua condição de objeto museal percebida a partir do conceito de **bem integrado** definido por Costa (2002).

[...] bens integrados, que assim chamamos pelo fato de, por origem, integrarem-se ao corpo de uma arquitetura de tal forma que seu deslocamento provoca extração, violação, contra essa ligação íntima (pinturas de forro ou murais, retábulos ou fragmentos de talha, nichos embutidos, lavabos, painéis de azulejos etc.) e que, uma vez desgarrados das paredes ou dos forros para que com fins utilitários ou de ornamentação foram executados, passam a enriquecer coleções ou museus; constituindo-se desde então em peças autônomas com privilégios de bens móveis, embora por sua natureza não cheguem a sê-los de fato”. (p. 296).

A Casa do Baile - Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design - ao receber o título da UNESCO pelos critérios de representar uma obra-prima da humanidade

e se constituir em um exemplar excepcional de arquitetura moderna, possui, também, outro importante elemento da genialidade de Oscar Niemeyer, não reconhecido por se tratar de um painel, uma obra mural, cujas características lhe definem uma temporalidade transitória. Assim sendo, a Casa, guardiã do Painel, deveria integrar o objeto ao seu corpo de arquitetura, pois a obra, a criatura, feita de próprio punho pelo gênio criativo Oscar Niemeyer, o criador, dele não pode ser desvinculada por se tratar de uma obra de arte única e de aurático valor.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização do Painel Oscar Niemeyer a partir de uma visibilidade mais ampla tem na repercussão prática uma relação conflituosa determinada por outras variáveis de análise que contemplam a sua visão como objeto a ser musealizado ou analisado, como algo a ser perenizado. Por mais que se considere um conjunto de fatores que venham a influenciar a sua musealização, tem-se no cotidiano um conjunto de diferentes elementos de interferência que definem tanto momentos de apoio à interpretação como objeto integrado como proposições para sua natural deterioração e apagamento.

Ao se analisar criticamente observa-se como ponto positivo a geração de um dossiê composto por um conjunto de documentos institucionais os quais tenham por elemento central o Painel de Oscar Niemeyer uma vez que anteriormente não havia referências organizadas e explícitas que permitisse realizar uma pesquisa direta sobre o tema.

Ao valorizar e publicizar o Painel verifica-se a importância de uma obra singular de autoria de Niemeyer, que se confunde às artes plásticas, como uma arte mural que tem por ele mesmo destacados, o Conjunto Moderno da Pampulha e elementos do Plano Piloto de Brasília. Ocorre assim uma forma única de apresentação e de expressão de suas convicções como arquiteto, bem como uma expressão pessoal e afetiva do profissional quanto a sua relação com os principais elementos significativos do início de sua carreira como arquiteto e representante referencial da arquitetura moderna.

A identificação do arquiteto com o edifício, por ele expressa, traz consigo um contexto que pode ser definido a partir da categorização determinada por Charpentier (2016). Nela, se observa para além do discurso científico, formal e de investigação científica, a ideia de uma relação constituída entre indivíduo e objeto. Tal característica determina um conjunto de elementos a partir da função simbólica do objeto cuja estruturação se faz por meio de uma subjetividade do discurso e sua conseqüente descrição acerca do próprio objeto. Nesse sentido, a relação entre Niemeyer e a Casa do Baile se concretiza no projeto por ele comandado junto ao processo de restauração e seu novo uso o qual possuiria também uma representação de si e de sua trajetória por meio do Painel ali representado.

Oscar Niemeyer destaca a importância da Pampulha desde o início de sua carreira na seguinte declaração: “em cinco momentos divido a minha arquitetura: primeiro, Pam-

pulha, depois, de Pampulha a Brasília; depois, Brasília; depois ainda, minha atuação no exterior; e, finalmente, os últimos projetos que realizei.” (NIEMEYER, p. 266, 2000).

A relação afetiva e de carinho com o Conjunto se torna presente ao doar o projeto de restauração da Casa do Baile, no início dos anos 2000. E o desejo em confeccionar o Painel, que representa parte de sua trajetória profissional, no período final de sua carreira.

O arquiteto apresenta de modo relacional sua trajetória profissional e a Pampulha no programa Roda Vida cujos aspectos transcendem questões profissionais e perpassam por sentimentos e afetividade. (RODA VIVA, 1997).

O meu trabalho de arquiteto começou em Pampulha. E por coincidência foi a primeira obra que Juscelino realizou. [...] Mas Pampulha foi muito importante para mim. Foi importante por se constituir no início da arquitetura que eu faço até hoje...”

Os diferentes campos de conhecimento que envolvem os estudos do Painel e a integração entre a arquitetura, as belas artes e a museologia, dentre outras, devem ser considerados ao se buscar compreender a memória e a história de um lugar. A representação de um objeto, de uma coleção ou mesmo de um indivíduo cuja expressão pessoal e profissional são construções contínuas que se determinam por diferentes níveis de experiência que se entrelaçam e devem ser considerados ao se avaliar os indivíduos e os grupos. Para Guarnieri (2010):

Quando musealizamos objetos e artefatos com as preocupações de documentalidade e de fidelidade, procuramos passar informações à comunidade; ora, a informação pressupõe conhecimento (emoção/ razão), registro (sensação, imagem, ideia) e memória (sistematização de ideias e imagens e estabelecimento de ligações). (p. 205).

Objetos emblemáticos apresentam significados que expressam valores e signos, que se torna simbólico quanto aos pensamentos e desejos, significações e identidade de seu autor. Esta construção do significado determina consigo uma materialização de ideias cuja representação se constitui segundo elementos de referência os quais determinam um ‘novo’ discurso museal (ou patrimonial) em que se tem o reconhecimento de sua singularidade ou excepcionalidade, seja para o indivíduo que o concebeu ou para os grupos, comunidades ou sociedades em que se encontra inserido.

Por fim, ao se considerar o contexto específico do Painel e global, quanto a sua inserção na vida de Oscar Niemeyer, tem-se as observações realizadas por Baudrillard (2008) como importantes referências quanto à funcionalidade do objeto e os significados a ele atribuídos. Eles se transformam e transformam o objeto, segundo o contexto e cujo sistema lhe permite responder acerca da perda da sua função original, talvez estética ou simbólica no sentido de homenagem ao arquiteto.

O Painel Oscar Niemeyer passa a ser um elemento de história e memória que se encontram nele contidas e que remetem ao passado do autor e lhe trazem uma construção

de significados e valores presentes. Como o último traço de Niemeyer na Pampulha, a “nova” funcionalidade a ele atribuída permite lhe definir um significado, ou seja, uma referência no contexto, para o qual se transfere uma cultura do poder, museal ou patrimonial, retratada por seu valor simbólico e pelos diferentes significados a ele consagrados.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. **A Pampulha no acervo fazendário do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**: 1936-1947: Catálogo de Fontes. Belo Horizonte: ACAP-BH / APCBH, 2005. Disponível em: https://issuu.com/apcbh/docs/guia_apcbh. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

BAHIA, Denise Marques; VIVAS, Cida (coord.). **Casa do Baile 66**: uma ilha na história. Belo Horizonte, PBH, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BERGERON, Yvés. Museus e identidades culturais (Norte e Sul da América: perspectivas de pesquisa). **Anais do III Seminário Internacional Ciência e Museologia**: Universo Imaginário/Tecnologia: Informação, Documentação, Patrimônio. Belo Horizonte, v. *único*, p. 42-48, 2015.

BIBLIOTECA NACIONAL. Coleção Digital de Jornais e Revistas. Diário Carioca. **Solenemente inauguradas as obras da Pampulha em Belo Horizonte**. Edição 04584, p.7, 28 de maio de 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_03&pasta=ano%20194&pesq=%22solenemente%20inauguradas%20as%20obras%20da%20pampulha%20em%20belo%20horizonte%22&pagfis=13060. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

CARSALADE, Flávio de Lemos. Pampulha. **BH. A Cidade de Cada Um**, v. 10. Belo Horizonte: Conceito, 2007.

CASA DO BAILE. Acervo documental, iconográfico da Casa do Baile – Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e Design.

CHARPENTIER, Noëlle; HÉTU, Vanessa. **Les objets phares de la catégorie disciplinaire**. IN: BERGERON, Yves; GOULET, Marie-Ève; RODRIGUES, Catia. *Conserveries mémorielles: Objets, phares des musées canadiens. Entre pratiques muséales et enjeux identitaires*, n. 19, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cm/2316>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

COSTA, Lygia Martins. **Bens integrados**: conceituação e exemplos (1981). In: BARROS, Clara Emília Monteiro de (Org.). *Lygia Martins Costa: de museologia, arte e políticas de patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, p. 317-320, 2002.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). *Conceitos –chave de museologia*. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus - ICOM. São Paulo, Armand Colin, 2013.

DEVALLO, Jean. Comunicação e Sociedade: pensar a concepção da exposição. IN: BENCHETRIT, Sarah F.; BEZERRA, Rafael Z.; MAGALHÃES, Aline M. (orgs.). **Museus e comunicação**: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro, Museu de História Nacional, p. 17-34, 2010.

DOHMANN, Marcus. A experiência material: a cultura do objeto. In.: _____ (org.). A experiência material: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio books, 2013. Pp. 31-46.

GUARNIERI W. R. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. IN: **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1990.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do ICOM, 2010.

IMPRESA NACIONAL. **Pampulha**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê de candidatura Conjunto Moderno da Pampulha**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/FMC_dossie_conjunto_moderno_%20da_pampulha.pdf. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Parecer sobre o anteprojeto de recuperação da Casa do Baile**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 1999.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Guia de bens tombados IEPHA/MG**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 2011/2012.

MASON, Randall. **Assessing Values in Conservation Planning**: Methodological Issues and Choices. In: DE LA TORRE, Marta (ed.). **Assessing the Values of Cultural**: Research Report. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2002.

MELO, Chico Homem de. **Niemeyer Gráfico**. Vitruvius, texto 006.09, ano 01, nov. 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Memória e Cultura Material**: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.21, 1998.

V. **O objeto de estudo da museologia**: pretextos museológicos. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1994.

MEUL, Veerle. Safeguarding the significance of ensembles value assessments. IN: **ICOM Committee for Conservation**. Theory and history in conservation-restoration. ICOM-CC: 15th. Triennial Conference New Delhi, vol. 2, p. 1052, 2008.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS PARA A EDUCAÇÃO ACIÊNCIA E A CULTURA. Programa Ibermuseus. **Ensaio do Seminário Oficina em Valoração de Acervos Museológicos**. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2018/10/valoracao-acervos-museologicos-pt-es-en.pdf>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

NIEMEYER, Oscar. **As curvas do tempo - Memórias**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

OSCAR NIEMEYER: clássicos e inéditos. Organização e curadoria Lauro Cavalcanti; Expografia Pedro Mendes da Rocha; Desenhos Oscar Niemeyer; Tradução John Norman; Colaboração Fundação Oscar Niemeyer e Paço Imperial; Texto Carlos Lemos et al. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Paço Imperial, 2014.

PADILHA, Renata Cardoso. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Coleção Estudos Museológicos, v. 02. Florianópolis: FCC, 2014.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Memória-História. Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, v. 1, p. 51-86, 1984.

REDE, Marcelo. **História a partir das Coisas**: Tendências Recentes nos Estudos de Cultura Material. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996.

RODA VIVA. Entrevista com Oscar Niemeyer, 1997. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=mNjeEibgRmc>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA. PREFEITURA BELO HORIZONTE. **Plano Estratégico Casa do Baile**, 2019. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/PLANO%20ESTRAT%C3%89GICO%20CASA%20DO%20BAILE.pdf>. Acesso em: 02 de fev. de 2022.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André Rodrigues da; MOTA, Daniela Tameirão dos Santos. **Da invisibilidade à identidade**: uma proposta de conservação-musealização para o Painele Oscar Niemeyer da Casa do Baile, Conjunto Moderno da Pampulha. In: Anais do 7º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Anais... Belo Horizonte (MG) ON LINE, 7. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/arqedoc2021/396716-da-invisibilidade-a-identidade--uma-proposta-de-conservacao-musealizacao-para-o-painel-oscar-niemeyer-da-casa-do-/>. Acesso em: 06/02/2022.

TAMEIRÃO, Daniela; RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Painele **Oscar Niemeyer e sua invisibilidade**: Construção de uma identidade na maioria. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Museologia. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

SOBRE O ORGANIZADOR

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA - Doutor (2019) e Mestre (2014) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Estadual de Goiás (2011), Artista Visual Universidade Federal de Goiás (2014) e especialista em Educação (AME) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2021). É pesquisador e professor dos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Atua também como professor convidado da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). É vencedor do Prêmio Brasília 60 anos de Tese (2020), com a trabalho: O entre-Metrópoles Goiânia-Brasília: história e metropolização. Participa dos Grupos de Pesquisa Novas Cidades e Topos - Paisagem, Projeto e Planejamento, ambos da Universidade de Brasília; e do Grupo de Pesquisa CIMPARQ da PUC-Goiás. Tem experiência na área de Arquitetura, Urbanismo e Artes Visuais, com ênfase em Teoria e/de Projeto.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arquitetura 1, 41, 42, 44, 45, 46, 66, 67, 68, 99, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 149, 150, 151, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 211, 214, 237, 252, 253, 254, 257, 258, 261, 263, 264, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275

Arquitetura bioclimática 109, 112, 114, 115, 117, 120, 121, 130, 131, 133

Arquitetura escolar 108, 109, 110, 115, 117, 118

Arquitetura popular 120, 121, 131, 132, 133

Arte 20, 41, 44, 45, 46, 49, 54, 93, 94, 96, 97, 167, 200, 201, 202, 203, 204, 209, 210, 226, 234, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 255, 257, 258, 263, 266, 269, 270, 272

Arte rupestre 240, 241, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 251

C

Cartografia 15, 67, 68, 69

Centro de interpretación 242, 247

Cidade 16, 17, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 90, 92, 93, 95, 100, 112, 114, 115, 119, 136, 148, 151, 159, 200, 201, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 235, 237, 258, 269, 272

Cinema 200, 201, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221

Cinema documentário 200, 201

Conforto 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 124, 149, 155, 168

Construção 42, 43, 46, 63, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 82, 88, 89, 92, 93, 98, 99, 110, 111, 112, 119, 120, 121, 122, 126, 129, 133, 141, 168, 169, 172, 177, 180, 182, 189, 190, 199, 204, 211, 212, 215, 217, 218, 219, 229, 233, 237, 238, 252, 254, 255, 256, 264, 265, 266, 267, 271, 274

D

Design participativo 79

Desmilitarización 18

Documento 69, 78, 181, 205, 211, 212, 213, 221, 260

E

Espaço público 52, 65, 66, 80, 84, 90, 91, 92, 263, 273

F

Favela 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Forma urbana 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 13

G

Gestão 51, 53, 66, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 181, 187, 189, 190, 198, 206, 257, 260, 261, 274

H

Heliponto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199

I

Iconografia 67, 68, 69

Iluminação natural 134, 135, 136, 138, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Inspeção predial 179, 180, 181, 187, 196, 198, 199

M

Museus 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 255, 260, 264, 269, 272

Museus comunitários 222, 223

O

Oscar Niemeyer 252, 253, 254, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 274

P

Paisagismo 95, 96, 97, 99, 170

Pampulha 252, 253, 254, 257, 258, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Parques urbanos 51, 52, 66

Patrimônio 45, 48, 49, 64, 91, 95, 96, 97, 99, 105, 106, 107, 196, 200, 201, 209, 210, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 235, 237, 252, 254, 257, 258, 261, 262, 268, 272, 273

Patrimônio cultural 48, 49, 96, 200, 201, 209, 210, 257, 258, 268, 273

Planejamento 41, 42, 51, 53, 81, 85, 98, 108, 189, 196, 268, 275

Plataforma de distribuição de carga (PDC) 179

Porosidade 151, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165

Processo criativo 166, 170, 173

R

Restauração 73, 252, 257, 263, 265, 268, 270, 271

Roberto Burle Marx 95, 96, 101, 105, 106, 107

S

Seguridad 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 244

Simulação computacional 116, 117, 118, 151, 154, 159, 165

Software 100, 101, 102, 107, 114, 115, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 152, 153, 154, 159, 163, 166, 168, 170

T

Tecido urbano 42, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 78

Tempo 1, 46, 49, 52, 81, 83, 92, 98, 99, 101, 121, 125, 130, 137, 138, 139, 144, 151, 153, 154, 155, 158, 166, 167, 168, 169, 174, 180, 181, 185, 186, 193, 197, 200, 202, 203, 206, 208, 211, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 227, 230, 256, 258, 264, 273

Turismo 42, 47, 50, 59, 64, 65, 66, 208, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 241

U

Urbanismo 1, 7, 17, 18, 28, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 66, 77, 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 118, 119, 149, 151, 165, 166, 177, 211, 214, 222, 237, 252, 253, 257, 258, 263, 268, 269, 272, 275

Urbanismo tático 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92

V

Ventilação natural 114, 129, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 162, 164, 165

Vigilancia natural 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 39

ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br